

# ARRUACEIROS!

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i32p39-58>

**Maria de Lourdes Eleutério**

## RESUMO

Este ensaio aborda a cidade de São Paulo nas primeiras duas décadas do século XX, quando greves operárias se sucederam entre 1906 e 1920, se intensificando em luta incessante, reivindicando condições dignas de trabalho e moradia. O período é de grande transformação do espaço urbano, simultaneamente marcado por estruturas precárias nos bairros operários e de regiões privilegiadas projetadas para a elite

## PALAVRAS-CHAVE:

Cidade;  
operário;  
elite;  
imprensa.

## ABSTRACT

*This essay addresses the city of São Paulo in the first two decades of the 20th century, when workers' strikes took place between 1906 and 1919, escalating into an unrelenting struggle demanding decent working and housing conditions. It is a period of great transformation of the urban space, simultaneously marked by precarious structures in working-class neighborhoods and privileged regions designed for the elite.*

## KEYWORDS

*City;  
worker;  
elite;  
press.*

“Nas engrenagens das fábricas

bolem como vermes – dedos decepados de operários.  
Há intestinos rotos de crianças  
nos vaivéns do correame das oficinas.”  
Jorge de Lima<sup>1</sup>

O presente artigo versa sobre a cidade de São Paulo, nas primeiras duas décadas do século XX, nas quais, greves se sucediam entre 1906 e 1920. O movimento operário era incessante: paralizações, ação direta, greves parciais e gerais, piquetes, boicotes e sabotagens, reivindicavam condições dignas de trabalho e moradia, em um período de grande transformação do espaço urbano marcado pela exclusão de condições de dignidade humana aos operários, quase sempre vistos por grande parte dos empresários, imprensa e ordem jurídica como arruaceiros, agitadores, subversivos.

Os trabalhadores ocupavam os espaços urbanos enquanto a cidade era tomada por novas feições resultantes do um projeto de substituição de escravizados negros por imigração de europeus em massa,<sup>2</sup> cujo objetivo era prover mão-de-obra para a crescente industrialização do estado e, sobretudo, da cidade de São Paulo.<sup>3</sup> A configuração do espaço urbano

---

<sup>1</sup> Versos do poema “O filho pródigo” de Jorge de Lima, in *Poemas Negros*, edição ampliada, 1ª. edição, Rio de Janeiro: Alfabeta, 2016. pp150-151.

<sup>2</sup> São Paulo tem 239.820 pessoas em 1900, vinte anos depois, o número salta para 579.033. [http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/1900..](http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1900..)

<sup>3</sup> Fabricas estão por todo o país, especialmente no Rio de Janeiro, que perderia força, a medida em que a industrialização de São Paulo, especialmente na capital, cresce exponencialmente. O movimento grevista também ocorre em todo o país, como a greve geral de 1903, no Rio de Janeiro, por exemplo. Como o tamanho do artigo não permite

paulistano se transformava vertiginosamente, entre 1890 e 1920 com a chegada de estrangeiros, caracterizando flagrante prática social de exclusões, mediante o surgimento e aprimoramento de espaços ditos nobres.

As condições de vida, nos bairros operários, eram aviltantes: surgimento de cortiços que se caracterizavam por moradias insalubres e coletivas, precariedade de fornecimento de água e esgotos, má ventilação, carestia, fumaça das chaminés das fábricas tornando o ar cada vez mais poluído e propiciando surtos de doenças e epidemias, repercutiam as degradantes condições de trabalho dentro das fabricas: longas jornadas de 12 à 16 horas, incluindo os sábados e feriados, empregando, em sua maioria, mulheres e crianças sob assédio moral e sexual, espancamentos, salários atrasados, acidentes constantes, multas, tudo ambientado sob o barulho ensurdecador das máquinas e vigilância acerba dos mestres e contramestres.

Os ideais liberais e progressistas eram a tônica da cidade que mostrava a pujança de sua economia advinda da produção cafeeira e reinvestia seus ganhos em um cada vez mais próspero parque industrial. Em termos espaciais, São Paulo a partir dos anos 1900 se transformava e ganhava uma difusa movimentação de especulação imobiliária que transfigurava a urbe em bairros industriais/operários, onde tudo era precário, em contraponto aos bairros privilegiados pelo poder público como aqueles cujos nomes registram, previamente, um flagrante projeto de vantagens. Já existia Campos Elísios (1878), com intenções de, “como o

---

uma abrangência maior dos vários setores de industrialização, vou me ater à vertente industrial têxtil, de grande relevância para a cidade de São Paulo entre 1900 e 1920.

nome do bairro indica (ser) uma transposição de civilidade parisiense (...) exclusivo e “aristocrático”.<sup>4</sup>

Por sua vez, Higienópolis (1895), surgia como primeiro bairro a ter saneamento, rede de esgotos e fornecimento domiciliar de água encanada, crescendo rapidamente devido ao contingente populacional que fugia das várias epidemias de tifo e malária que grassavam em Campinas, cidade central para os negócios da cafeicultura, naquela época.

Concomitantemente à expansão de Higienópolis ocorria a abertura da avenida Paulista (1891), em um dos pontos mais altos da cidade, portanto lugar de ar salutar e livre de enchentes. Posteriormente surgiam os chamados jardins, já nos anos 20, intensificando a segregação entre abastados e pobres. A referida avenida é exemplar para observarmos a cidade progredindo como objeto de lucro, de decisões administrativas imobiliárias e fundiárias, privilegiando alguns poucos com dinheiro público, em detrimento da maioria da população.

No mesmo ano de sua inauguração, a avenida Paulista iniciou o serviço de bondes, que dividia o leito carroçável com pista para carruagens e outra para o trânsito exclusivo de cavalos conduzidos por seus cavaleiros através de pistas guarnecidas por alamedas de arvores e calçadas bem delineadas em pedras. Faltavam apenas as casas! Ou seja, o poder público provia os serviços que antecederiam a edificação de moradias.

Já os bairros operários, Brás, Moóca, Belenzinho, Ipiranga, Pari, foram formados em sua maioria em região integrada por várzeas do Tietê e Tamanduateí e terraços fluviais, portanto propensa às inundações periódicas em terras de custo baixo, embora próximas ao centro da cidade.

---

<sup>4</sup> Sobre Campos Elísios ver Paulo César Garcez Marins, “Um lugar para as elites: os Campos Elísios de Glette e Nothmann no imaginário urbano de São Paulo”. in Ana Lúcia Duarte Lanna et al, *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Editora Alameda, 2001 pp 209-243.

A febre tifóide, que não se disseminara em Higienópolis, grassava, vitimando sobretudo crianças, naquelas vizinhanças fabris.<sup>5</sup>

Na virada do século XIX para o XX a cidade de São Paulo teve um único administrador, por onze anos, entre 1889 e 1910: Antonio da Silva Prado, que no período imperial fora deputado, ministro e senador, mas tão logo surgiu a república, Antonio a apoiou, tornando-se prefeito, o primeiro, da cidade de São Paulo. O cafeicultor, ou melhor o maior produtor de café do mundo à época, já que a família Prado, possuía inúmeras fazendas e casa exportadora do produto, era também dono do banco do Comércio e Indústria, tinha negócios imobiliários e, como industrial, atuava em vários ramos, sendo por exemplo, proprietário de curtume situado no bairro da Água Branca, do Frigorífico em Barretos, da primeira fábrica de vidros da América Latina, a Santa Marina inaugurada em 1895, e ainda, um dos fundadores da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, da qual foi presidente por trinta anos.<sup>6</sup>

Antonio Prado, chamado “o civilizador”, enfrentou em 1906, uma das tantas greves com as quais interagiu, enquanto prefeito/empresário, justamente a da Paulista. Hakin de Paula<sup>7</sup> nos dá a dimensão da

---

<sup>5</sup> Para o vertiginoso crescimento da cidade ver Hugo Segawa, *Prelúdio da Metrópole, Arquitetura e Urbanismo em São Paulo, na passagem do século XIX e XX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004; Amir El Hakin de Paula. *Os operários pedem passagem! A geografia do operariado na cidade de São Paulo. 1900-1917.* Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, 2005.

<sup>6</sup> Sobre o grande empreendedor da virada do século XIX para o XX ver o capítulo “Sob as barbas do conselheiro,” in Roberto Pompeu de Toledo. *A capital da vertigem*, pp. 23-38. Ver também: Thaís Chang Waldman, “A São Paulo dos Prados” <https://journals.openedition.org/pontourbe/781> acesso em 14/10/2022

<sup>7</sup> Sobre a greve da Paulista ver: Amir El Hakin de Paula “A greve sob uma perspectiva territorial: o caso da greve dos ferroviários de 1906.”, in *Pegada, a revista de Geografia do trabalho*, vol. 14, nº2, 2013. <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/2545> acesso em 14/10/2022. Ver ainda: Tania Regina de Luca “Questão de honra: a greve dos ferroviários da Companhia Paulista em 1906.” *Estudos Ibero Americanos*, vol. XII (1)1986. pp 69-91. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/issue/view/1376> acesso em 08/12/2022

importância dessa greve, bem como, das greves nas quais os ferroviários eram os artífices, porque tinham o poder das estratégias de movimentação do circuito férreo, já que podiam paralisar o fluxo de mercadorias, portanto da economia.<sup>8</sup>

A greve da Companhia Paulista se alastrou, incluindo os ferroviários da Mogiana, além de outras categorias operárias que se solidarizaram, contabilizando milhares de trabalhadores em paralisação por quinze dias, período no qual Antonio Prado se recusou terminantemente a negociar, utilizando a tática de fura-greves, para manter alguns trens em circulação, bem como da intimidação com aparato policial que resultou em duas mortes, numerosas prisões e demissões.<sup>9</sup> Os interesses econômicos do empresariado marcavam sua radicalidade em reprimir tal categoria, contando ainda, com a anuência da polícia e da cobertura do jornal *O Estado de S. Paulo* que insistia em desqualificar os grevistas como desordeiros. Aliás, o impresso dava ainda espaço em suas páginas, para que o advogado da Companhia Paulista, Manoel Villaboim, publicasse cartas menosprezando as reivindicações operárias e enaltecendo a “elevação de espírito” de Antonio Prado.<sup>10</sup> Lembremos que, Manoel Villaboim é um dos integrantes da famosa fotografia que se pensava ser tirada em 1922, por ocasião da Semana de Arte Moderna, mas que foi realizada dois anos depois, em comemoração ao aniversário de Paulo Prado.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> Para se entender a importância estratégica da greve de 1906, a receita das ferrovias Paulista e Mogiana em 1907 equivalia a 71% de toda a produção industrial do estado de São Paulo. As ferrovias representaram a articulação entre o lucro auferido da produção cafeeira e a industrialização.

<sup>9</sup> Bárbara Weinstein, “Impressões da elite sobre os movimentos da classe operária. A cobertura da greve em *O Estado de S. Paulo* 1902-1907” in M H Capelato, e M L Prado, *O Bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega Ltda., 1980. p. 141.

<sup>10</sup> Idem. *Ibidem*, p.149.

<sup>11</sup> Cf Carlos Augusto Calil, “A fotografia que (não) foi feita na semana”, caderno *Ilustríssima*, In *Folha de S. Paulo*, 13.10.2019. p. 5.

Derrotados, mas resistentes, os trabalhadores prepararam para o ano seguinte o Primeiro Congresso da Federação Operária, de onde sairia a deliberação para a greve geral de 1907, a maior até então, na qual alguns setores obtiveram ganhos, mas a categoria têxtil, reivindicando primordialmente, oito horas de trabalho, viu-se uma vez mais refém da intransigência dos empresários e da severa repressão policial, sempre procedendo com prisões e deportações.

Importante observar que neste ano também as costureiras, evidenciaram seu engajamento e resistência, ao aderirem às paralizações. Elas trabalhavam cerca de 15 horas por dia em oficinas, espaços diferenciados das fábricas tidas como tal, porque menores e mais centrais, e se caracterizavam por ser uma categoria mais vulnerável ainda. O jornal *O Estado de S. Paulo* assim as observou, naquela ocasião: “Esta greve não será duradoura porque as mulheres são muito mais fáceis de convencer que os homens.”<sup>12</sup> O “bravo matutino”, como era chamado o impresso estava equivocado. Às mulheres cabia papel fundamental nas organizações de ação reivindicatória em razão da jornada que lhes era imposta, visto que, além do trabalho fabril e as reuniões deliberativas, elas eram responsáveis pela organização da casa e do orçamento doméstico, em enfrentamento diário contra a carestia e conseqüente penúria.

A grande maioria do operariado das indústrias têxteis era de mulheres e crianças.<sup>13</sup> As fábricas de tecido avultaram na capital paulista devido às condições privilegiadas para sua produção graças aos recursos

---

<sup>12</sup> Barbara Weinstein, op.cit., ver nota número 62 indicando a fonte completa da citação: *O Estado de S. Paulo*, 25 de maio de 1907. p.155

<sup>13</sup> Um dos primeiros levantamentos sobre a situação da indústria no estado de São Paulo, em 1901, constata que mulheres eram cerca de 49,95% do operariado têxtil, enquanto as crianças 22,79%, portanto, 72,74% dos trabalhadores do setor eram mulheres e crianças. Cf. Margareth Rago, “Trabalho feminino e sexualidade” in Mary Del Priore (org.) *História das Mulheres no Brasil*, São Paulo: UNESP/Contexto, 1997, p.581.

hídricos e elétricos, abundantes e essenciais ao seu funcionamento, além do escoamento da produção, rápido e eficiente através das linhas férreas. O movimento operário advindo das fábricas de tecido é o responsável por grande parte dos direitos trabalhistas conquistados ao longo dos esforços de oposição à exploração de mão de obra na indústria, assim como, é justo afirmar a importância das operárias em todo o contexto.<sup>14</sup>

A empresa pioneira no ramo têxtil na capital paulista foi implantada em 1902 no Brás e pertencia a outra família de grande poder e prestígio, os Alvares Penteado. Trata-se da Fábrica de tecidos Santana com duas vertentes: em uma unidade havia produção de tecidos de lã e na outra, produção de aniagem, importantíssima para a confecção de sacos para acondicionar o café. Ambas perfaziam cerca de mil operários que pagavam a quantia de duzentos reis para usar o sanitário, a cada vez que necessário. A revogação dessa taxa, foi uma das reivindicações de insurgência dos trabalhadores<sup>15</sup>

Em 1908 irrompia outra greve dos têxteis, além das fábricas de produtos alimentícios e dos portuários em Santos como sempre, a constante tentativa de diminuição da jornada de trabalho, entre outras reivindicações. No ano seguinte, 1909, Antonio Prado enfrentava grevistas da sua empresa Vidraria Santa Marina, localizada no bairro da Água Branca, que empregava, majoritariamente, trabalhadores especializados vindos da França, país que tinha legislação de direitos trabalhistas mais avançada que o Brasil. Tais operários se manifestaram contra o de excesso de trabalho, mas as normas da Vidraria eram impeditivas de qualquer reivindicação sob pena de demissão. Ao chegarem, recebiam casa, escola para os filhos menores e armazém para comprarem seus mantimentos,

---

<sup>14</sup> As fabricas de tecido eram em maior número, mas as de produtos alimentícios como macarrão e doces, refrigerantes e cervejas, além das de chapéu e calçado, também crescem e aderem aos movimentos reivindicatórios.

<sup>15</sup> Cf. Roberto Pompeu de Toledo, op.cit., p. 162.



benefícios usados como controle para a permanência nas fábricas e não envolvimento dos trabalhadores em protestos por melhores condições. Com a greve em curso, a maioria das famílias foram despejadas sob ameaça de pagamento de multa de 200 reis por dia, caso não deixassem as moradias em uma semana. Antonio Prado, mais uma vez, chamou a polícia em nome da ordem.<sup>16</sup>

O ano de 1912 marcou a paralização considerada um ensaio para a mais conhecida greve geral até então, a de 1917. Devido ao constante encarecimento dos gêneros alimentícios e dos aluguéis, tornando insustentável a sobrevivência, além das sempre aviltantes condições de trabalho,<sup>17</sup> 1912 trazia uma organização dos trabalhadores mais avançada e impressionava pela disciplina e agilidade, entretanto, a intransigência dos patrões continuava sendo a regra. O jornal *O Estado de São Paulo*, abrandava as considerações sobre os trabalhadores, mas elogiava a polícia e a orientação “tolerante” do secretário de Justiça e Segurança Pública, Rafael de Abreu Sampaio Vidal, outro conviva de Paulo Prado na já referida fotografia<sup>18</sup>

As privações crescentes, o futuro incerto, o impacto da primeira guerra e perspectivas de mudanças vislumbradas pelos acontecimentos da revolução russa de 1917, conjugaram-se para que houvesse a deflagração da maior paralização operária já ocorrida no Brasil. Seu estopim originou-se em junho desse ano, no Cotonifício Crespi, situado na Mooca, quando

---

<sup>16</sup> Cf. Ana Lúcia Rodrigues da Luz, “A cooperativa dos vidreiros.”

<https://www.osasco.sp.leg.br/institucional/osasco-cidade/social/a-cooperativa-dos-vidreiros> acesso em 14/10/2022

<sup>17</sup> “Em 1912, instalados os primeiros geradores elétricos na nascente indústria de São Paulo, existiam 31 fábricas têxteis que empregavam 10.184 trabalhadores, sendo 8.341 estrangeiros (cerca de 6.000 italianos)”, John W. Foster Dulles *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. Editora Nova Fronteira, 1977.

<sup>18</sup>Rafael Sampaio Vidal, tornara-se Ministro dos Negócios da Fazenda em 1924, ocasião do registro fotográfico já referido e analisado por Carlos Augusto Callil. Ver ainda: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vidal-rafael-sampaio> acesso em 10/10/2022

os trabalhadores foram avisados da extensão do turno da noite. Acrescente-se ainda a chamada contribuição pró-pátria, em especial para os italianos ou descendentes, (eram cerca de 70% dos operários) instituída como contribuição aos custos de guerra da Itália, já que Rodolfo Crespi era “um ardente patriota”<sup>19</sup>

À paralização do Cotonifício Crespi, seguiu-se a da Companhia Fabril de Tecelagem e Estamparia do Ypiranga, pertencente aos irmãos Jafet. O bairro mencionado no nome da empresa surgira e crescera sob o domínio da Companhia que chegou a empregar diretamente quatro mil operários. Também no Brás, os operários em greve, se reuniram em frente a fábrica Mariangela de propriedade do conde Matarazzo, quando a cavalaria avançou contra os manifestantes e matou o sapateiro anarquista espanhol José Martinez. No dia seguinte seu funeral atravessou a cidade desde o Brás até o cemitério do Araçá, tendo havido apenas uma parada permitida, após tensa negociação. A praça da Sé foi o local dos discursos em português, italiano e espanhol, que ecoavam na pauliceia, sob forte presença da força policial, que seguiu a multidão até o sepultamento. A morte do sapateiro não foi a única nos intensos confrontos com as forças de segurança, resultando em mais de uma centena de mortos enterrados às pressas, no sigilo da noite.

---

<sup>19</sup> Outros empresários italianos tinham a mesma prática, angariando fundos para o Comitê pró-Pátria de São Paulo. Cf. Roberto Pompeu de Toledo, capítulo VIII, “Ao som da Internacional” pp 161-177, in *A capital da vertigem*. op. cit. pp 161-177. E ainda: Pedro Tanagino, “A “religião cívica” de um integralismo republicano: a História a serviço da cultura política integralista no pensamento de Miguel Reale (1932-1937)”, *Historiæ*, 2018 - <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/8554> acesso em 02/11/2022

Rodolfo Crespi, foi um dos fundadores do colégio Dante Alighieri, sendo seu presidente entre 1911 e 1938. Recebeu o título de conde papal em 1928 e faleceu em 1939, deixando 500 contos de reis para Mussolini, sendo enterrado vestindo uniforme fascista. Em 1914, casou sua filha Renata com o engenheiro industrial Fábio da Silva Prado, que “que se tornou seu principal assistente” na diretoria do Cotonifício Crespi. Fábio foi também Presidente do Banco do Comércio e da FIESP, vereador e prefeito de São Paulo, sobrinho de Antonio Prado. Ver Darrel E. Levi, *A família Prado*. São Paulo: Cultura 70- Livraria e Editora S/A, p.259.

A greve tomou proporções enormes, mais de setenta mil homens, mulheres e crianças aderiram, houve saques em armazéns, bondes incendiados, comércio fechado, o espaço urbano foi tomado pelos trabalhadores em comícios públicos organizados pelo Comitê de Defesa Proletária que integrava anarquistas, socialistas e lideranças sindicais. As organizações proletárias ao longo das duas primeiras décadas do século XX em questão, foram de relevância para esse momento crucial da história do movimento operário. Muitos foram os militantes incansáveis, destaque para os anarquistas: Edgard Leuenroth, tipógrafo e jornalista,<sup>20</sup> Maria Angelina Soares, combativa jornalista e fundadora do Centro Feminino de Jovens Idealistas <sup>21</sup> e Antonio Candeias Duarte, português que assinava sob vários pseudônimos, frequentemente, Hélio Negro, como o fez, quando de sua colaboração em 1931, para *O homem do Povo*, jornal de Oswald de Andrade e Patrícia Galvão.<sup>22</sup>

A repressão crescia na medida em que a organização operaria produzia adesões. O secretário de segurança Eloi Chaves fez prender lideranças grevistas e mesmo assim as manifestações não cessavam. Fez-se uma comissão constituída por diretores de jornais da grande imprensa paulista, representando os industriais, os grevistas foram representados

---

<sup>20</sup> Edgard Leuenroth colaborou incansavelmente nos jornais operários: *A terra livre*, *A voz do povo*, *A luta proletária*, fundando em 1917 *A Plebe*. Mesmo perseguido pelos órgãos de repressão, colecionou documentos sobre a militância operária, hoje preservados no arquivo que leva seu nome, no Centro de Documentação Social da UNICAMP. <https://www.ael.ifch.unicamp.br/edgard-leuenroth>

<sup>21</sup> Maria Angelina e suas irmãs: Maria Antonia, Matilde e Pilar, militavam tanto na organização do movimento quanto na imprensa operária, sendo implacáveis na denúncia dos maus-tratos perpetrados nas fábricas, contra mulheres e crianças. Ver o terceiro capítulo: “A trajetória de vida e militância das irmãs Soares”, de Marina Tannús Valadão. *Militância libertária feminina sob as lentes da História*. TCC. UFU: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/19174>

Acesso em 10/10/2022

<sup>22</sup> Antonio Candeias Duarte, ver Maria de Lourdes Eleutério, *O homem e a utopia*, posfácio para a 3ª. edição de *O Homem do Povo*, jornal criado e dirigido por Oswald de Andrade e Patrícia Galvão. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

por seu Comitê, para negociaram um acordo no qual os militantes presos seriam soltos, o direito de reunião seria assegurado e não haveria despejo dos grevistas.

O término da greve de 1917, não significou o fim dos conflitos. Nas empresas Matarazzo, e Antártica, entre outras, irromperam paralizações sucessivas, auridas em incessante organização e negociação de conflitos, em grande parte oriundas de reuniões de operárias que tomavam à frente das deliberações. A representatividade feminina teria sido estratégica já que o delegado de polícia na tentativa de reprimir os conflitos, preferia discutir com mulheres, “imaginando que elas eram fracas e inconscientes, no que de todo se enganou.”<sup>23</sup> As Ligas de bairro foram decisivas para a organização política do operariado e, em suas deliberações, a proeminente participação das mulheres, como por exemplo, na Liga Operária do Belenzinho, dirigida por Maria Antonia Soares. Nas demais Ligas, também as mulheres tomavam parte substantiva nos processos decisórios.<sup>24</sup>

No ano de 1918 ocorreu o que se convencionou chamar de quatro Gês: o término da primeira guerra mundial, geadas, greves, e o impacto gripe espanhola, agravando consideravelmente a situação da força de trabalho que adoecia e morria ante a falta de assistência e a enorme exploração dos preços dos medicamentos.<sup>25</sup>

No ano seguinte, a mobilização grevista continuava frequente a ponto de adiar a apresentação, no teatro municipal da peça *O Contratador de Diamantes*. Segundo Yolanda Penteado, em suas memórias, o jornal *Correio Paulistano* do dia 09 de maio de 1919 noticiava “a greve das

---

<sup>23</sup> *O Combate*, 25/10/1917. Apud Glaucia C.C. Fraccaro. “Mulheres, sindicato e organização política: guerra, greves e revoluções.”. Dossiê: *Centenário 1917: Grande Guerra, greves e revoluções* • Revista Brasileira de História. 37 Sep-Dec, 2017, p.78 <https://www.scielo.br/j/rbh/a/THvpNy5TDW34ZgVDKgCFvBR/abstract/?lang=pt>

<sup>24</sup> Fraccaro, Idem, Ibidem. p.82

<sup>25</sup> Ver o capítulo IX “Dias de medo e de morte” in Toledo, op.cit, pp 179-195.

costureiras que se manifesta nas mais importantes casas de confecção e modas, nesta capital,”<sup>26</sup> prejudicando a confecção dos trajes para a encenação da referida peça teatral.

A representação, mesmo postergada, ocorreu em benefício do Asilo dos Inválidos e da Sociedade de Cultura Artística nos dias 12 e 14 de maio no Teatro Municipal, e, em 18 de maio para as escolas da Liga Nacionalista de São Paulo. Os Prado e os Penteado compunham o elenco, entre outros partícipes, nomes da elite paulista como René Thiollier.<sup>27</sup> O espetáculo foi assim descrito pelo jornal *O Estado de S. Paulo*: “um acontecimento artístico verdadeiramente notável e de uma alta significação social, revelador de uma cultura que dia a dia se aprimora e encontra as suas origens nas melhores tradições nacionais.”<sup>28</sup>

Nos primeiros trinta anos de república, o crescimento industrial se processou sob o signo do conflito e repressão tendo em contraponto, um operariado combativo cujas palavras de ordem eram organização e resistência. Concomitantemente, havia o prenúncio do declínio das oligarquias cafeicultoras cujos representantes em São Paulo eram, predominantemente, os Prado e os Penteado. A imigração, tão incentivada em seus primórdios pelos Prado em substituição à mão de obra escravizada,<sup>29</sup> e, nos anos de 1910 já se afigurando em casos de ascensão

---

<sup>26</sup> Cf. Yolanda Penteado, *Tudo em cor de rosa*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976. p.71

<sup>27</sup> Eglantina Penteado Silva Prado, (esposa de Antonio Prado Jr.), Maria Guedes Penteado (filha de Olivia Penteado) Gofredo da Silva Teles (genro de Olívia Penteado, no papel do contratador). A peça fora escrita por Afonso Arinos, falecido marido de Antonieta Prado Arinos, (filha do conselheiro Antonio Prado). Cenários de José Wash Rodrigues com móveis e objetos de decoração, das famílias Prado e Penteado

<sup>28</sup> *O Estado de S. Paulo*, 12.05.1919.

<sup>29</sup> Faz-se necessário uma pequena observação sobre a Sociedade Protetora da Imigração, existente entre 1886 e 1895. Ela foi um projeto da elite cafeeira, quando se avizinhava a abolição da escravidão, para a substituição de mão de obra nas fazendas, sendo que a maioria dos sócios fundadores da referida sociedade era de membros da família Prado. O contrato inicial, sem custos de viagem e estada na Hospedaria dos Imigrantes, para os fazendeiros, menciona vinda de 500 famílias. O Estado Imperial arcaria com todas as despesas e a assinatura pelo ministro da agricultura, o conselheiro Antonio da Silva

econômica e social, como os Matarazzo, Crespi, Jafet, Siciliano, Falchi, imigrantes que despontavam como dinâmicos empreendedores.

Ao analisar a encenação de *O contratador de diamantes*, o historiador Sevcenko, observa que estatísticas indicavam, não só a pujança industrial por proprietários imigrantes, mas no chamado “novo oeste” surgiam propriedades rurais de estrangeiros, como as de Geremia Lunardelli. Havia uma nova dimensão do poder da elite econômica e política em curso e, a encenação de *O contratador de diamantes* “não poderia ser mais explícito o conteúdo” de sua trama, pois que a peça conclamava à redescoberta de um Brasil colonial e expansionista, exaltado também pela imprensa, como *O Estado de S. Paulo* que noticiava em 13 de maio de 1919: “Bandeirante foi Caldeira Brant, bandeirante soube ser Arinos; e dignos descendentes de bandeirantes foram seus intérpretes.”<sup>30</sup>

Com a proximidade do centenário da independência, o historiador Afonso Taunay passou a tratar do programa decorativo para o museu do Ipiranga que se tornaria um museu histórico e, portanto, lugar de memória. Em todo o edifício-monumento, especialmente em sua escadaria, dita monumental, se cristalizava a intenção de *O contratador de diamantes*. Lá estão, entre 16 vasos de bronze simbolizando os rios que correm por todas as regiões do Brasil, como a conter todo o território brasileiro, majestosas esculturas personificando os nomes mais célebres dos tantos bandeirantes que nos séculos XVII e XVIII, ampliaram os domínios portugueses,

---

Prado, assegurou a realização do empreendimento. Os problemas de exploração dos imigrantes, que se acentuam no início do século XX, começam já a bordo no traslado: condições insalubres, mortes por intoxicação de alimentos deteriorados, epidemias de tifo e cólera. Chegando ao Brasil, não tinham permissão para sair da Hospedaria e ao chegarem aos destinos rurais, eram tratados à semelhança dos escravizados.

Cf. Kátia Cristina Petri. “*Mãdem vir seus parentes*” *A Sociedade Protetora de Imigração em São Paulo*. Mestrado, PUC/SP, 2010

<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/12628> acesso em 08/12/2022

<sup>30</sup> Nicolau Sevcenko, *Orfeu estático na metrópole*. São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letra, 1992. pp.245-247.

destruindo uma infinidade de povos indígenas. Nota-se também na subida da escadaria, a presença do brasão de armas de São Paulo, criado em 1917, por José Wasth Rodrigues e Guilherme de Almeida com a divisa “Non Ducor, Duco”, em confluência à criação da Liga Nacionalista de São Paulo somando-se para enfrentar a “presença maciça de contingentes imigrantes em São Paulo.”<sup>31</sup>

No início de 1920 o operariado têxtil estava se organizando com mais propriedade, segundo o jornal *A Plebe*, através da UOFT (União Operária em Fábricas de Tecido), que propiciava “educação associativa da numerosa classe que agremia.”<sup>32</sup> Depois de vinte anos de intensa resistência aliada à perseverança de estratégias de debate formativo e rede de informação, haveria condições melhores de trabalho. Porém, em contraposição a recém-formada UOFT, criou-se a CIFT (Centro dos Industriais de Fiação e Tecelagem) para que em conjunto, os industriais deliberassem contra o avanço crescente do movimento dos trabalhadores. A União dos Operários cobrava uma taxa de filiação à ela e os empresários proibiram que a mesma fosse realizada dentro das fábricas gerando resistência dos trabalhadores da Alpargatas, Cotonifício Crespi, Mariangela, que se declaram em greve. A repressão cresceu de forma efetiva e eficaz, o cotidiano era de prisões e deportações, os jornais operários constantemente empastelados.

Naquele contexto o jornal *O Estado de S. Paulo*, publicou que o valor da taxa de filiação ocorria “para a manutenção de organizações a que (os trabalhadores) não desejam pertencer e para o incremento de uma propaganda subversiva que já tem dado tão triste resultado.”<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> Sevcenko, op. cit. pp 137-138. A Liga Nacionalista de São Paulo foi inspirada na Liga de Defesa Nacional, surgida no Rio de Janeiro em 1916. Suas bandeiras, entre outras, eram; a educação cívica patriótica, para que a nação construísse sua identidade.

<sup>32</sup> *A Plebe*, 28/02/1920, apud Cristina H Campos, *O sonho libertário*. Campinas: Editora Pontes, 1988. p.78.

<sup>33</sup> Cristina H Campos op.cit. p. 84

Assim sendo, nos anos iniciais de industrialização em São Paulo, a imprensa estampava as tensões entre empresariado e operariado em narrativas dissonantes: nos jornais *O Estado de S. Paulo*, e *Correio Paulistano*, críticas brandas e em defesa da ordem, contribuindo para a formação da imagem de um proletariado em permanente ameaça à ordem com suas demandas.

Já a imprensa operária poderia ser sintetizada pelo lema “sai quando pode” devido a repressão policial. Os periódicos conjugavam uma multiplicidade de tendências: anarquistas, anarco-sindicalistas, comunistas, socialistas, antifascistas,<sup>34</sup> em estratégias de movimentação igualmente diversas, eram vitais para a articulação e divulgação de mobilização. Páginas de resistência na imensa dificuldade de produzir jornais e divulgar ideias reivindicatórias, muito contribuindo para a conscientização e ação, como também, para a manutenção da imprescindível solidariedade consubstanciada em entidades mutuais, beneficentes, propagando suas inúmeras organizações de classe: comitês, congressos, ligas operárias, federações operárias, aliás origem dos sindicatos.

Enquanto operários construía e refaziam vínculos produzindo jornais, escrevendo contos, criando e encenando peças teatrais, celebrando o Primeiro de Maio, promovendo centros de estudos, como o Centro de Estudos Sociais de Ensino Mútuo, driblando a ação policial que não poucas vezes invadia locais de reunião ou mesmo as moradias dos operários, desmantelando organizações e depredando oficinas onde se produziam os jornais, que teimavam em subsistir, sempre intramuros, já que comícios eram reprimidos...<sup>35</sup> Enquanto a repressão aos espaços públicos era de tal

---

<sup>34</sup> Jornais de maior importância: *A Lanterna*, *A Plebe*, *Guerra Sociale*, *A Terra Livre*, *A Voz do Trabalhador*, entre outros

<sup>35</sup> Ver Antonio Arnoni Prado (org) *Libertários no Brasil. Memórias, Lutas, Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.



ordem que estes não podiam servir para um raro momento de lazer como uma partida de futebol, um jogo de peteca ou uma brincadeira de crianças, conforme a circular da Secretaria de Justiça e da Segurança Pública, de 1914, expedida pelo Primeiro Delegado de Polícia da Capital, reiterando a circular de 1912 relativa à proibição de tais divertimentos sob o argumento de que prejudicava o livre-trânsito...<sup>36</sup>

Em outros espaços da cidade a elite dedicava seu tempo livre às atividades culturais e desportivas, indo, por exemplo, ao Hipódromo da Mooca, que além da Hípica, servia para as vibrantes contendidas automobilísticas, que tinham sempre como ganhadores, por exemplo, em 1903, a família Prado, presença constante de Martinho (neto), Paulo e Plínio Prado, além de Antonio Jr. O último, campeão em várias modalidades como ciclismo, sob pseudônimo de Odarp. A família Penteado, também era presença constante, sendo que Silvio, amigo de infância de Antonio Jr., e também seu cunhado,<sup>37</sup> estava sempre entre os finalistas.<sup>38</sup> Aliás, Silvio também partilhou com Antonio, a fundação do Club Atlético Paulistano em 1900, inicialmente localizado em terras de d. Veridiana Prado e desde 1915 com sede no Jardim América, à época se constituindo como bairro. Uma vez mais a administração pública privilegiou o empreendimento particular. Washington Luís, então prefeito de São Paulo, providenciou o calçamento e a linha de bondes para que os sócios do clube tivessem acesso fácil para aquele local de lazer.

Quando as reivindicações tomavam às ruas, numa polifonia de vozes com sonoridades do velho continente, a grande imprensa alertava

---

<sup>36</sup> Amir El Hakim de Paula, *Os operários pedem passagem!* op. cit. p. 87.

<sup>37</sup> Antonio Prado Jr. era casado com a irmã de Silvio, Eglantina “uma paulista quase parisiense que constitui um dos mais belos ornamentos da nossa sociedade feminina” assim descrita pela revista *Magazine*, 1 (nº 2, 15 de junho de 1906), p. 67-69, apud Levi, op. cit., p. 111

<sup>38</sup> Cf. Vicente de Paula Araújo. *Salões, circos e cinemas de São Paulo*, 1981, p. 97 e 255

para a invasão dos arruaceiros questionando a ordem urbana, almejando espaços que não seriam seus. Respeito à dignidade humana e direitos: ao trabalho, à moradia, educação e lazer, foram vistos como desordem, nos anos iniciais da industrialização, em um processo contínuo de apropriação espacial por administradores que planejaram uma cidade excludente e segregacionista, onde trabalhadores continuam produzindo a riqueza do país, sob o lema da ordem para o progresso.

### Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Vicente de Paula. *Salões, circos e cinema de São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CALIL, Carlos Augusto, “A fotografia que (não) foi feita na semana”, caderno Ilustríssima, *Folha de S. Paulo*, 13.10.2019

CAMPOS, Beatriz L. “Companheiras em greve, o movimento paradista da União das Costureiras em junho de 1919.” *Revista Angelus Novus*, ano XII, n 17, 2021 <https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/189595/179171>

CAMPOS, Cristina H *O sonho libertário*. Campinas: Editora Pontes, 1988

Del ROIO, J.L. *A greve de 1917. Os trabalhadores entram em cena*. São Paulo: Alameda, 2017

DULLES, John W. F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

ELEUTERIO, M L, O homem e a utopia, posfácio para a 3ª. edição de *O Homem do Povo*, jornal criado e dirigido por Oswald de Andrade e Patrícia Galvão. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

FERNANDEZ, Renato Lanna. “A concepção de esporte em Antonio Prado Jr. O amadorismo como princípio civilizatório e regenerador [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433603253\\_ARQUIVO\\_TEXTOPARAANPHU2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433603253_ARQUIVO_TEXTOPARAANPHU2015.pdf)

FRACCARO, Glaucia C. C. “Mulheres, sindicatos e organização política nas greves de 1917 em São Paulo”. <https://www.scielo.br/j/rbh/a/THvpNy5TDW34ZgVDKgCFvBR/abstract/?lang=pt>

GOULART, A. C. "Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro." *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, v. 12, n. 1, p. 101-142, jan.-abr. 2005. Disponível em: *Pol. Hist. Soc., Vitória da Conquista*, v. 19, n. 2, p. 241-262, jul.-dez. 2020.

KOGURUMA, Paulo. *O cosmopolitismo e o imaginário da modernidade na metrópole do café.1890-1920*. Doutorado, USP, 2003.

[https://repositorio.usp.br/single.php?\\_id=001332190&locale=pt\\_BR](https://repositorio.usp.br/single.php?_id=001332190&locale=pt_BR)  
acesso em 29/07/2022

LEVI, Darrell E. *A família Prado*. São Paulo: Cultura 70 Livraria e Editora, 1974.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Anablume, 2000

LUCA, Regina de. "Questão de honra: a greve dos ferroviários da Companhia Paulista em 1906." *Estudos Ibero Americanos*, vol. 13, (1)1986

LUZ, Ana Lúcia R. "A cooperativa dos vidreiros"

<https://www.osasco.sp.leg.br/institucional/osasco-cidade/social/a-cooperativa-dos-vidreiros>

MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e empreendedores. A saga do desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2003.

MARINS, P.C. Garcez. "Um lugar para as elites: os Campos Elísios de Glete e Nothmann no imaginário urbano de São |Paulo." in Ana Lúcia Duarte Lanna et al. *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Editora Alameda, 2001

PAULA, Amir El Hakin de. "A greve sob uma perspectiva territorial, o caso da greve dos ferroviários em 1906". *Pegada, a revista de geografia do trabalho*, vol. 14, número 2, 2013.

PAULA, Amir El Hakin de. *Os operários pedem passagem! A geografia do operariado na cidade de São Paulo. !900-1917*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2005

PENTEADO, Yolanda. *Tudo em cor de rosa*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

PETRI, Kátia Cristina. "Mandem vir seus parentes" *A Sociedade Protetora de Imigração em São Paulo*. Mestrado, PUC/SP, 2010

<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/12628>

PRADO, Antonio A. *Libertários no Brasil, memória, lutas, cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

- RAGO, Margareth. "Trabalho feminino e sexualidade". Mary Del Priore (org.) *História das Mulheres no Brasil*, São Paulo: UNESP/Contexto, 1997
- REALI, Ebe. *Brás, Pinheiros, Jardins, três bairros, três mundos*. Biblioteca Pioneira de Estudos Brasileiras/Ed da USP, 1982.
- SEGAWA, *Prelúdio da Metrópole, Arquitetura e Urbanismo em São Paulo, na passagem do século XIX e XX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004
- SEVCENKO, *Orfeu estático na metrópole. São Paulo sociedade e cultura nos primeiros anos 20*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- TANAGINO, Pedro. "A "religião cívica" de um integralismo republicano: a História a serviço da cultura política integralista no pensamento de Miguel Reale (1932-1937)", *Historiæ*, 2018 - <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/8554>
- TOLEDO, Edilene T. "Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917" *Estudos históricos*. Rio de Janeiro; 30 (61) • Maio-Agosto, 2017 pp.497-517
- TOLEDO, Roberto Pompeu. *A capital da vertigem. Uma história de São Paulo de 1900 a 1954*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- VALADÃO, Marina Tannús. Militância libertária feminina sob as lentes da História. Trabalho de conclusão de curso. UFU, 2006;
- VARGAS, João T. "A polícia e o movimento operário na Primeira República" ANPUH - XXIII Simpósio Nacional de História - Londrina, 2005
- [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-1/1548206370\\_936384208d10e2a68a2ef71a7ef37159.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-1/1548206370_936384208d10e2a68a2ef71a7ef37159.pdf)
- WALDMAN, Thais C. "A São Paulo dos Prados" *Revista Ponto Urbe*, 13, 2003. <https://journals.openedition.org/pontourbe/781>
- WEINSTEIN, B. "Impressões da elite sobre os movimentos da classe operária": a cobertura da greve em *O Estado de S. Paulo*". M H Capelato e M L Prado, *O brabo matutino, imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega Ltda., 1980.

**Maria de Lourdes Eleutério** é doutora em Sociologia pela USP. Autora dos livros *Oswald, itinerário de um homem sem profissão* (1989), *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculo 1890-1920*, (2005).